

MEMÓRIAS DAS PRIMEIRAS BATALHAS

Tivesse sido uma luta de boxe, poderíamos a esta altura falar de um empate por pontos. Mas nosso assunto nesta edição é o enfrentamento entre o governo do Estado, à frente o sr. Serra, e a comunidade universitária — entendida, aqui, como os estudantes, funcionários e docentes das universidades públicas e do Centro Paula Souza preocupados com a finalidade social dessas instituições e engajados na sua defesa. Este enfrentamento se deu ao longo do primeiro semestre de 2007, provocado, como é público e notório, por uma série de decretos de feição para lá de autoritária, assinados, alguns, já nos primeiros dias de governo, como a escancarar que foram preparados antes mesmo da posse, na ânsia do Governador de situar as universidades públicas como uma prioridade... Prioridade, claro está, como alvo de suas baterias.

Os decretos de Serra tinham finalidade cristalina, que pode assim ser resumida: esquartejar o ensino público superior, apartando as Fatecs da Unesp (e por tabela das outras universidades públicas) e isolando a Fapesp das instituições de ensino; submeter as universidades ao seu controle, quebrando e reduzindo a escombros o princípio constitucional da autonomia universitária; abrir caminho, com tais medidas, a todo tipo de reformas convenientes aos seus planos de redução e vulnerabilização do ensino superior público. Porém, “ai, porém!”, o Governador e seus beaguins depararam-se com uma forte resistência. Serra precisou recuar, teve de livrar-se de um secretário que se tornou um fardo (o sr. Pinotti), mas conseguiu estabelecer algumas mudanças. Manteve, além disso, o arrocho no repasse de verbas às universidades — estacionado nos 9,57% da quota-parte do Estado do ICMS, apesar da expansão registrada nos últimos anos — e ao ensino técnico-tecnológico, que continua indigno de merecer uma vinculação orçamentária, no entendimento perverso do governo estadual, apesar do crescimento desvairado do número de Fatecs.

Pois bem: por tudo isso falamos, mais acima, do “empate por pontos”. O Governador não obteve tudo que desejava, o movimento não barrou tudo que precisaria barrar, e a disputa de projetos certamente terá continuidade ou no segundo semestre, ou nos primeiros dias de 2008... Oferecemos ao leitor uma análise inicial deste embate, que confiamos a algumas das principais lideranças docentes envolvidas na refrega que decidiu a sorte das universidades públicas estaduais. Traçamos, ainda, um breve perfil do novo Secretário do Ensino Superior, o professor Carlos Vogt, cuja dedicação ao estreitamento de laços entre universidade pública e empresa privada é digna de nota e mereceu, de nossa parte, uma atenção que não vimos na grande imprensa.

Também tentamos esquadrihar a Fapesp: revelamos seu redirecionamento para finalidades que pouco têm a ver com a pesquisa acadêmica, ou, dizendo de outro modo, os crescentes investimentos em inovação tecnológica, inclusive em empreendimentos industriais de escala, e as distorções na concessão de bolsas de estudo para alunos de mestrado e doutorado.

Reforma do Estatuto?

Enquanto muitas vozes unem-se para gritar “Estatuinte, já!”, a Reitoria vai encaminhando, quase em surdina, uma mini-reforma do Estatuto da USP. Abordamos aqui um dos itens dessa reforma: a proposta, que se encontra em avançado nível de formulação, de reestruturação da carreira docente, com a reintrodução da figura do professor adjunto. O assunto é dos mais relevantes, na medida em que o sistema de poder na USP está visceralmente ligado ao modo como hoje se estrutura a carreira, em cujo topo situa-se uma “casta” de professores titulares aos quais está reservado todo tipo de privilégios.